



O VOCATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA UNIDADE À PARTE?¹

THE VOCATIVE IN BRAZILIAN PORTUGUESE:
A SEPARATE UNIT?

Juliana Costa Moreira²
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Perini (1995), Cunha & Cintra (2000), Bechara (1999, 2001), além de outros gramáticos e estudiosos de linguística, consideram o *vocativo* como uma unidade à parte. Neste estudo observamos, entretanto, que há construções em que há participação do *vocativo* no evento da ação verbal. Utilizando o referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, demonstramos que esse é um dos fatores linguísticos que impulsionam a mudança de ordem do *vocativo* na oração do Português Brasileiro, que é identificada por Moreira (2008).

Palavras-Chave: Vocativo; Mudança linguística; Português brasileiro.

¹ As ideias apresentadas ao longo do texto foram discutidas na dissertação de mestrado intitulada “O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística”, defendida em 2008.

² E-mail: julianaichs@yahoo.com.br.

Abstract: Perini (1995), Cunha & Cintra (2000), Bechara (1999, 2001), among other grammarians and scholars of linguistics, consider the vocative as a separate unit. However, in this study, we observe that there are constructions where participation of the vocative in the event of verbal action occurs. By utilizing the theoretical-methodological referential of Variationist Sociolinguistics, we demonstrate that this is one of the linguistic factors which drive the change in position of the vocative in the Brazilian Portuguese clause, as identified by Moreira (2008).

Keywords: Vocative; Linguistic Change; Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

De acordo com Houaiss e Villar (2001, p. 457), *vocativo* é o “termo que expressa, num discurso direto, aquele com o qual se está falando”. Na comunicação espontânea, normalmente corresponde a um título, um nome próprio, um sobrenome, um termo carinhoso ou até ofensivo ou um apelido daquela pessoa com quem se quer falar.

Com base nessa definição, é evidente que o *vocativo* é muito empregado nos atos de fala no cotidiano dos usuários da língua. Todavia, este é um assunto pouco explorado, ao se considerarem as gramáticas tradicionais e a literatura linguística. O leitor pode questionar a respeito dessa informação, pois tanto os compêndios gramaticais como os livros didáticos geralmente apresentam uma seção que discorre sobre esse tema. A questão que se coloca, no entanto, é como os *vocativos* são abordados. A maioria dos autores referem-se a esses termos apenas com breves referências; ou considera o assunto, muitas vezes, de forma indireta. É o caso, por exemplo, de Neves (2000, p. 72), na *Gramática de Usos do Português*, na qual o *vocativo* é mencionado quando se enumeram as funções sintáticas de determinados termos, como a do substantivo.

Outros autores consideram apenas uma possível função pragmática desempenhada pelos *vocativos*, sendo caracterizados como expressões de chamamento (MELO, 1978; CÂMARA JR., 1981; LUFT, 1983; CEGALLA, 1985; CUNHA E CINTRA, 1985; BECHARA, 1999; além de outros).

A definição acima é bastante abrangente e suscita a seguinte questão: como um termo pode desempenhar a função de atrair a atenção do ouvinte, de identificá-lo e, ao mesmo tempo, manter contato com o interlocutor? Moreira (2008) observa que a ordem dos constituintes na oração pode influenciar a função que o *vocativo* desempenha no discurso. É, portanto, importante investigar a posição em que se configura na oração, e esse é o primeiro passo para que seja possível propor uma definição desse constituinte que seja condizente com a realidade do Português Brasileiro.

Ao investigar diferentes sentenças com *vocativos*, Moreira (2008, 2013), Carvalho (2013) e Abalada et al (2011) observam que eles podem ocorrer em três posições na oração, as quais são exemplificadas a seguir³:

[Voc + Or]⁴

(1) Emília, há muito tempo que observo este teu padrasto.
(PENA, 1956, p. 300)

[Or + Voc]

(2) Hoje não é dia de falar de coisas tristes, Vado.
(RASI, 1995, p. 114)

[Or + Voc + Or]

(3) Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.
(PENA, 1956, p. 316)

Em (1), o termo “Emília” aparece à esquerda da oração [Voc + Or], separado por vírgula. Em (2), o termo “Vado” aparece à direita da oração – [Or + Voc], também separado por vírgula. Já em (3), o termo “senhores” aparece dentro do enunciado [Or + Voc + Or] e, por sua vez, intercalado por vírgulas.

Uma vez não exploradas as funções pragmáticas do *vocativo* e a relação com a ordenação da oração, torna-se evidente uma lacuna no ensino de gramática na escola e isso explica o porquê de o assunto ser deixado de lado nas gramáticas e livros didáticos e, por conseguinte, o conteúdo que diz respeito a este tema ser minimizado nas aulas de língua portuguesa, tratando-se da Educação Básica e de Linguística, no nível superior de ensino, mais especificamente nos cursos de Letras.

Outro possível motivo para que isso ocorra é o de que os constituintes com função sintática de *vocativo* são geralmente apresentados pelos autores como elementos que têm uma “entoação exclamativa” e que estão “isolados do resto da frase” (CUNHA; CINTRA, 2000, p. 161), como nos exemplos abaixo:

(4) Carlos, o D. Abade julgou mais prudente que lá não voltásseis.
(PENA, 1956, p. 338)

(5) O Maurício está em casa, Margarida?
(OLIVEIRA, 1917, p. 43)

³ Os exemplos apresentados ao longo desta obra pertencem ao *corpus* de Moreira (2008), o qual é constituído por construções contendo *vocativos* extraídas de peças teatrais escritas por autores brasileiros nos séculos XIX e XX.

⁴ Para representar as variantes consideradas neste estudo, que dizem respeito à posição sintática do *vocativo* na oração, utilizamos a abreviação Voc para nos referir ao *vocativo* e a abreviação Or é utilizada para fazer referência à oração.

Nos exemplos (4) e (5), os *vocativos* “Carlos” e “Margarida” não apresentam vínculo com a oração. Observe-se, ainda, que não é possível que sejam pronunciados com entonação exclamativa nas sentenças acima e, ainda, não se pode afirmar que ambos os constituintes sejam emitidos com a mesma entonação, considerando-se que não ocupam a mesma posição.

Face ao exposto, o nosso objetivo é contribuir para a ampliação dos estudos sobre o *vocativo*. Mais especificamente, buscamos descrever o comportamento sintático deste constituinte em relação a outros termos da oração, a saber, o sujeito e o objeto.

Na próxima seção, apresentamos o histórico do estudo sobre o *vocativo*, do ponto de vista de gramáticos e de pesquisadores da área de linguística. Já, na segunda seção, apontamos um caminho para a descrição e a análise desse termo, considerando o ponto de vista da sintaxe. Na terceira seção, apresentamos uma classificação de *vocativos* em função da participação ou não participação no evento da ação verbal, além de discutirmos acerca da possível correlação desse constituinte com um constituinte argumental, o que constitui um dos fatores que contribuem para a mudança de ordem desse constituinte na oração no Português Brasileiro, a qual foi identificada por Moreira (2008). Por fim, apresentaremos as considerações finais.

1 UM SINTAGMA ISOLADO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DA ORAÇÃO

Em latim, o *vocativo* é um ‘caso’ e apresenta, assim, uma marca morfológica. Além disso, é destacado na escrita pelo uso da vírgula e pela possibilidade de vir acompanhado por interjeições, como Ó.⁵ Muitas das gramáticas do latim se limitam a tratá-lo como um “caso de apelo” ou palavra usada para “chamar”.

Pereira (1909, p. 435), na sua *Gramática Expositiva – Curso Superior*, considera o *vocativo* como um aposto especial da segunda pessoa, sem dar maiores detalhes do que seja um aposto especial.

Buscando os tipos de construções com *vocativo*, como também a descrição de sua estrutura morfossintática, dentro da abordagem tradicional, Dias (1918,

⁵ Moreira (2013, p. 47) difere interjeições propriamente ditas, as quais expressam o ponto de vista do falante, como “Nossa”, “Ai”, “Credo”, de partículas de chamamento direto que servem para atrair a atenção do ouvinte, quais sejam, “Oi”, “Olá”, “Psiu”, dentre outras.

p. 442), na *Syntaxe Histórica Portuguesa*, afirma que “só tem de se observar que é empregado, já quando se chama por alguém, ou se dirige a uma pessoa ou coisa personificada, já em simples exclamações”.

Por sua vez, Brandão (1963), em *Sintaxe e Construção da Língua Portuguesa*, utilizando a expressão “palavras em apóstrofe” para se referir ao *vocativo*, identifica as suas possíveis posições de colocação na oração. Segundo o autor, as palavras em apóstrofe podem ser colocadas no princípio (“Senhor, escutae a voz dos oprimidos”), no meio (“As tuas leis, ó Marte, alguém se atreve a resistir?”) ou no fim da proposição (“É esforço deixar-te ameno asylo”).

É interessante também a observação de Cunha (1971) de que há diferentes tipos de *vocativo*. Segundo ele, há aqueles que sequer fazem referência a um termo da oração, a qual se encontra anexado; há aqueles que se referem a um termo da oração, em que a ele esteja subordinado: “E ao vê-la acordarei, meu Deus de França!” (CUNHA, 1971, p. 111), em que o *vocativo* “meu Deus de França” não tem relação alguma com os outros termos da oração. Já em “Dizei-me vós, Senhor Deus!”, o autor observa que o *vocativo* “Senhor Deus” se relaciona com o sujeito “vós” na oração.

No que diz respeito ao *vocativo* fazer ou não referência a outro elemento da oração, Macambira (1974, p. 84), em conformidade com Cunha (1971), sugere como proposta que se faça a distinção entre *vocativo* absoluto e *vocativo* relativo. O primeiro apresenta-se “completamente solto sobre o aspecto sintático”, enquanto, no caso do segundo, “encontra-se na oração um termo a que se reporta e que deve ser um pronome pessoal”, como no exemplo “Medico, curate a ti mesmo”.

Apesar dessas observações, o *vocativo* é tido por muitos autores como não pertencente à oração, por não apresentar uma relação direta com o verbo. Assim, muitos deles o identificam em termos de sua entonação ou virgulação, mencionando sempre a presença das interjeições “Ó”, “Oh”, “Ah” que o precedem, como também o isolamento do sintagma em relação ao restante da oração, dentre eles, Melo, 1978; Câmara Jr., 1981; Luft, 1983; Cunha e Cintra, 1985; Cegala, 1985; Bechara, 1999.

É da mesma opinião Bechara (2001, p. 460), que considera o *vocativo* “uma unidade à parte”. Para ele, esse constituinte é “desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa; cumpre uma função apelativa de 2ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa a quem nos dirigimos”. O autor observa que

algumas vezes vem precedido de “Ó”, que a tradição gramatical coloca entre as interjeições e que pode ser, na realidade, considerado um “morfema de vocativo”, dada a característica entoacional que o diferencia das interjeições propriamente ditas: “Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?” (BECHARA, 2001, p. 460).

Bechara (2001, p. 460) descreve o *vocativo* de maneira mais detalhada do que os outros autores ao observar que “constitui por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições”⁶. Esta semelhança existente entre esses dois constituintes pode ser observada em alguns casos, como exemplificado a seguir:

(6) Coitadinho! Deve ficar uma vara quando pisa num cigarro aceso.

(MARCOS, 1978, p. 23)

(7) Desgraçado! Será que morreu?

(MARCOS, 1978, p. 35)

Em (6), “coitadinho” assemelha-se bem a uma frase exclamativa, a uma interjeição. E em (7), “desgraçado” também é bem caracterizado como tal classe de palavra, indicando impaciência. Resta-nos saber se as pessoas usualmente empregam tais termos tendo-os como interlocutores do ato de fala ou como expressão com que se traduzem os seus estados emotivos.

O autor diz, ainda, que o *vocativo* “às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte” (BECHARA, 2001, P. 461), como se pode observar no seguinte exemplo da amostra aqui utilizada:

(8) E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo desse malvado?

(PENA, 1956, p. 335)

O termo “senhoras” pode ser visto também como um aposto explicativo por designar uma particularidade atribuída ao pronome “vós”, que por sua vez já direciona a mensagem transmitida a ouvintes determinados.

⁶ Bechara (2001, p. 330) afirma, sobre as interjeições, que “em certas situações, podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas”. Mais à frente, o autor acrescenta que elas podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas “*vocativos*”.

Ainda, para Bechara (2001, p. 461), “o *vocativo* pode ser representado por substantivo ou pronome”, como está expresso nos exemplos (9) e (10), que compõem o *corpus*:

(9) Paula, não saias de junto de mim!

(DIAS, 1868, p. 180)

(10) Senhora, queira ter a bondade de sair cá para fora.

(PENA, 1956, p. 309)

Todavia, pode-se acrescentar que o *vocativo* pode ser também representado por adjetivos, uma vez que se encontram na amostra construções como a que se segue:

(11) É surdo, desgraçado?

(MARCOS, 1978, p. 12)

Questiona-se, portanto, se estes “adjetivos” são empregados nestas sentenças com o valor de substantivos, ou seja, se tais qualificações estão substantivadas. Esta substantivação poderia ocorrer devido à referência e ao apelo feitos às pessoas ou coisas, que, por sua vez, são substantivos. Neste artigo, chamamos estas qualificações de “epítetos”. “Epíteto é a palavra ou expressão que se associa a um nome ou a um pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 170).

Como se pode notar, é relevante a descrição feita por Bechara (2001) e, ainda, as considerações de alguns autores em relação ao *vocativo*, como Brandão (1963), que observa as possíveis posições de colocação desse termo na oração; Cunha (1971) e Macambira (1974), que observam que há diferença entre *vocativos* quanto a fazer ou não referência a outro constituinte oracional, de modo que pode ou não haver relação com a oração.

Acrescenta-se que Cunha e Cintra (2013, p. 174) também consideram a relação do *vocativo* com constituintes argumentais, a partir dos seguintes exemplos:

(12) Dizei-me vós, Senhor Deus!

(13) Ó lanchas, Deus nos leve pela mão!

Conforme os autores, o *vocativo* “Senhor Deus” relaciona-se com o sujeito “vós”, da primeira oração; e o *vocativo* “Ó lanchas” com o objeto direto “nos” da

segunda. Considerando-se os exemplos, concluem que “embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o *vocativo* pode relacionar-se com algum dos termos” (CUNHA E CINTRA, 2013, P.175).

À semelhança de muitos estudos pertencentes à tradição normativa, Perini (1995, p. 91) também trata o *vocativo* como “termo estranho à estrutura argumental da oração, que constitui por si só uma frase independente”. O autor afirma que, à primeira vista, parece merecer o rótulo de adjunto oracional (AO), uma vez que tem os traços [-CV, +Ant, -Q, -Cl, +PA], o que faria dele um adjunto deste tipo⁷. No entanto, para ele, não se trata de um caso de AO, pois uma análise por traços sintáticos não se aplicaria a este termo⁸.

Já Mundim (1981, p. 7) caracteriza o *vocativo* de maneira diferente das gramáticas tradicionais. A autora sugere que há uma estreita correlação sua com a forma de tratamento utilizada no discurso: a presença desse termo parece sugerir uma determinada forma de tratamento.

Sendo assim, “a opção por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma pessoa” (MUNDIM, 1981, p.8). Assim, muitas vezes, tal processo é inconsciente, como ocorre em situações comuns do dia a dia (pedido de informação, perguntar as horas etc). Entretanto, em situações mais específicas, a escolha do *vocativo* é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado e depende de um possível interesse pessoal⁹. O processo consciente de opção, no *corpus* analisado pela autora, é mais atuante quando o falante utilizava um *vocativo* não-profissional. Na utilização de um *vocativo* profissional, o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de

⁷ Os traços especificados por Perini para descrever o comportamento sintático de um adjunto oracional referem-se às seguintes propriedades do constituinte em questão: [-CV], propriedade de estar ou não em concordância com o NdP; [+Ant], propriedade de poder aparecer no início da oração; [-Q], propriedade de poder ser retomado pelos elementos *que*, *o que*, e *quem*; [-Cl], propriedade de ocorrer como foco de uma frase clivada correspondente; [+PA], propriedade de poder ocorrer na posição de auxiliar (entre o sujeito e o NdP). Um constituinte é marcado positivamente [+] quando tem a propriedade descrita pelo traço e, negativamente [-] quando não a tem.

⁸ Perini considera que a conexão do *vocativo* com a oração não é propriamente sintática, não tendo a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso.

⁹ Mundim (1981, p. 52) afirma que alguns informantes declararam que, dependendo da situação, poderiam usar o *vocativo* doutor para o deputado, principalmente, se estivessem em sua presença para pedir-lhe um favor.

envolvimento do falante. Ele estaria usando uma expressão que iria identificar uma categoria profissional dentro da sociedade.

De acordo com a autora, os *vocativos* transmitem nuances diferentes de formalidade e, por esse motivo, têm um elo semântico que os mantém de certa forma dependentes das formas de tratamento, uma vez que os tratamentos também apresentam diferentes graus de formalidade. A hipótese apresentada é a seguinte: (i) “senhor”, “meu senhor”, “moço”, “doutor”, etc (isto é, *vocativos* que inspiram maior formalidade) teriam correlação com o tratamento senhor (que também carrega nuance de formalidade); (ii) *Vocativos* do tipo “cara”, “bicho”, “meu chapa”, “ô meu”, “ô malandro” etc (que inspiram informalidade) ocorreriam juntamente com tu e você.

A fim de verificar a validade da hipótese apresentada, qual seja, da correlação semântica entre *vocativo* e tratamento, a autora apresenta resultados de dois testes escritos aplicados aos informantes: (i) os *vocativos* “moço”, “senhor” e “amigo”, que segundo a autora trazem uma carga menor de informalidade, foram os que mais vieram acompanhados do tratamento “senhor”. Nos contextos em que aparecem os *vocativos* “meu camarada”, “meu chapa” e “ô cara”, que foram consideradas como expressões que denotam mais informalidade, a presença de “você” e “tu” foi mais frequente do que a de “senhor”; (ii) os dados mostram que, para as quatro classes ocupacionais dos testes, os informantes apresentaram uma tendência de tratamento bem específica: a) para motorista de táxi e vendedores, o tratamento de maior probabilidade de ocorrência é “você”; b) para as autoridades e os profissionais de “status”, o tratamento de maior probabilidade é “senhor”.

Por sua vez, Nascimento (2000, p. 282) discorda do ponto de vista de que o *vocativo* é isolado do restante da oração, citando os seguintes exemplos:

(14) Mariana, traz o café!

(15) Mariana, é você?

Exemplos de Nascimento (2000)

A autora considera que, nos dois exemplos, aparecem *vocativos*. No exemplo (14), sabe-se que a concordância dessa forma verbal (indicativo usado para imperativo) se dá, no português coloquial, com a 3ª pessoa do singular que não precisa estar expressa na oração. Os termos “Mariana” e o sujeito que está elíptico “você” são correferentes. Em (15), por sua vez, o sujeito está presente (você) e há correferência entre a pessoa do *vocativo* e do sujeito. A autora cita,

ainda, Di Cristo (1977), em trabalho sobre o *vocativo* no Francês, que mostra a existência de correferência entre sujeito e a pessoa do *vocativo* nessa língua.

Pautando-se nos pressupostos da teoria gerativa, Mateus et al (2003, p. 457) também consideram que o *vocativo* “ocorre em posição periférica na frase”, sendo definido também como uma função sintática desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizado em contextos de chamamento ou interpelação ao interlocutor. Outras perspectivas também identificam o *vocativo* como um elemento isolado (ZWICKY, 2004, *apud* DALESSANDRO E VAN OOSTENDORP, 2010, p. 02), e como um elemento “extrafrásico”, “periférico” ou “parentético”, conforme Abalada et al (2011, p. 02), seguindo Dehé e Kavalova, 2007; Dehé, 2009a; Dehé, 2009b. Em suma, nessa perspectiva, os *vocativos* são analisados como adjuntos, isto é, como constituintes situados em uma posição à parte.

Tomando como base as considerações feitas por Cunha (1971), Mundim (1981) e Nascimento (2000), evidencia-se que o *vocativo* não pode ser considerado como uma unidade à parte. Não obstante, a maioria dos gramáticos está em desacordo com estes autores por o considerarem como um termo isolado da estrutura argumental da oração.

2 O VOCATIVO E A SINTAXE

Como propõe Alkmim (2004, p. 2), se pensarmos na etimologia da palavra “sintaxe” (vem do grego e significa, arranjo, disposição, organização), temos que “sintaxe tem a ver com a estruturação interna da frase”. Ora, existe nesse ponto uma contradição: se se pensar que o *vocativo* aparece na lista de sintagmas elencados pelos compêndios gramaticais para uma análise sintática das orações da língua, como pode ser considerado como “uma unidade à parte”? Em resposta, a autora afirma que para descrever o termo sob esse ponto de vista, é preciso listar os fatos sintáticos que serão relevantes para a análise do termo, os quais são:

1. Um primeiro elemento a investigar é a posição linear do termo dentro da estrutura frasal, ou simplesmente, a posição que essa unidade ocupa em relação às outras unidades do enunciado. Trata-se do que propomos fazer neste estudo e o que foi realizado em trabalho anterior no âmbito do dialeto mineiro, sobre o qual discorreremos mais adiante. Um estudo a este respeito foi realizado por Moreira (2008), que investiga a ordem do *vocativo* na oração em perspectiva diacrônica.

2. Em segundo lugar, é preciso observar os seus “constituintes”, isto é, certos grupos de unidades que podem fazer parte de sequências maiores, de forma que compõem os sintagmas. De acordo com Moreira (2008), além de substantivos e pronomes, podem constituir o *vocativo* também epítetos. A autora analisa esse fato sintático como fator linguístico que pode exercer influência sobre a posição desse termo na oração, a partir de uma análise variacionista.
3. Um outro elemento que é sempre investigado nas questões sintáticas é a relação de regência. De acordo com Alkmim (2004), esse tipo de relação, nos termos da sintaxe, parece não existir em relação ao *vocativo* e outros termos da oração. Apesar disso, é observado que, em algumas sentenças, se um sujeito de simples passar a composto, o *vocativo*, por sua vez, sofrerá também mudanças para o plural. A esse respeito, conforme a autora, o que parece haver é uma correferência entre a pessoa do sujeito e o *vocativo*, como apontado por Nascimento (2000). Ao investigar esse fato, observamos que, embora, aparentemente, esse constituinte não faça parte da grade temática do verbo, pode ser correferente com um dos argumentos da oração, como nos exemplos do Português Brasileiro (PB), abaixo:

(16) Vado, você não tá pondo muito cloro nessa piscina, não?

(RASI, 1995, p. 24)

(17) Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

(PENA, 1956, p. 335)

Em (16), o *vocativo* “Vado” é correferente com o sujeito “você” e no exemplo (17), o *vocativo* “Carlos” é correferente com o complemento “te”.

Comparando-se as informações apresentadas por alguns autores citados na seção anterior com os exemplos em (16) e (17), é possível observar que talvez não se tenha atribuído atenção devida ao estudo do *vocativo* no PB e um dos motivos para esse tratamento é o de que muitos autores o consideram como isolado da estrutura argumental da oração pelo fato de não apresentar relação direta com o verbo.

Esses exemplos ilustram, portanto, a possibilidade de participação do *vocativo* no evento da ação verbal. Na próxima seção, investigamos a atuação desse fator linguístico em relação à ordem desse constituinte na oração, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

3 MUDANÇA DE ORDEM DO VOCATIVO NA ORAÇÃO

Nos moldes da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994), investigamos, como variável dependente, as possíveis posições de ocorrência do *vocativo* na oração, a saber, [Voc + Or], [Or + Voc + Or] e [Or + Voc].¹⁰ O *corpus* utilizado neste estudo é composto por construções encontradas em diálogos de peças de teatro escritas por autores brasileiros nos séculos XIX e XX.¹¹

As peças teatrais que compõem o *corpus* do século XIX são: *Leonor de Mendonça* de Gonçalves Dias (1846), *Noviço* de Martins Pena (1853), - *A virgem Martyr de Santarém* de Severiano Resende (1870) e *A onça* de Modesto de Paiva (1897). Já o *corpus* do século XX é composto pelas seguintes peças teatrais: *Lucrécia* de Américo Werneck (1900), *Scenários* de Luiz de Oliveira (1917), *Dois perdidos numa noite suja* de Plínio Marcos (1979) e *Pérola* de Mauro Rasi (1995).

Com a amostra definida, pudemos coletar os dados para este estudo. Foram retiradas das peças todas as ocorrências de *vocativo*, chegando-se à soma de 1420 dados. Para a realização da análise quantitativa, as peças de teatro foram lidas e as construções foram transcritas. Os dados foram codificados, a partir de hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa, e submetidos como “input” ao programa de análise estatística Goldvarb 2001 ou versão Varbrul para o Windows.

Dessa forma, foi possível não somente a descrição das ocorrências levantadas no *corpus* – a variável dependente –, como também o estabelecimento de um conjunto de fatores que condicionam as formas de realização do *vocativo* na frase – as variáveis independentes.

Foi constatada uma preferência pelo uso da variante [Or + Voc] em relação às outras do *corpus*, conforme ilustrado na Tabela 1:¹²

¹⁰ As diferentes posições de colocação do *vocativo* na oração foram exemplificadas em (1), (2) e (3).

¹¹ A escolha de peças de teatro para constituição da amostra justifica-se pelo fato de serem textos que mais se aproximam da modalidade oral da língua, uma vez que tendem a ser a representação da fala da personagem. Para evitar que textos que tiveram edições atualizadas fossem analisados, estes foram selecionados com o máximo de rigor possível. Assim, foram selecionadas as edições mais antigas de cada obra, ou ainda, quando possível, o original manuscrito.

¹² A distribuição das estruturas com *vocativo* do referido *corpus* em relação ao período em que foram escritas é apresentada adiante, correspondendo T1 à 1ª metade do século XIX, T2 à 2ª metade do século XIX, T3 à 1ª metade do século XX e T4 à 2ª metade do século XX.

<i>Estrutura</i>	<i>Nº de Ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
[Or + Voc + Or]	133	9 %
[Voc + Or]	511	36 %
[Or + Voc]	776	55 %
Total	1420	100 %

Tabela 1. Distribuição das ocorrências de vocativo no corpus analisado

Considerando as porcentagens acima apresentadas, verifica-se que a modalidade [Or + Voc] se apresenta mais frequente (55%), em relação às duas outras modalidades [Voc + Or] e [Or + Voc + Or], que representaram, respectivamente, 36% e 9%.¹³

A distribuição das ocorrências de *vocativo*, em relação à faixa temporal, pode ser visualizada na Tabela 2, a seguir:

<i>Estrutura</i>	<i>T1</i>			<i>T2</i>			<i>T3</i>			<i>T4</i>			Total
	Nº	%	PR										
[Voc+Or]	160	43	.61	114	46	.56	131	35	.43	106	36	.39	511
[Or+Voc]	209	57	.38	133	54	.43	245	65	.57	189	64	.60	776
Total	369	100	-	247	100	-	376	100	-	295	100	-	1287

Tabela 2. Taxa de uso das ocorrências de vocativo em função do tempo

A comparação dos resultados mostra perfis diferentes entre as variantes, o que sugere estar havendo competição entre as construções com *vocativo* em todos os períodos analisados.

O gráfico 1, a seguir, lança mão dos pesos relativos e mostra o perfil da construção [Voc + Or] em função do tempo:

¹³ Ao constatar a baixa frequência relativa da ordem [Or + Voc + Or], optamos por descartar esses enunciados, no que se refere à análise quantitativa realizada neste estudo, já que esta é feita a partir de uma variável binária.

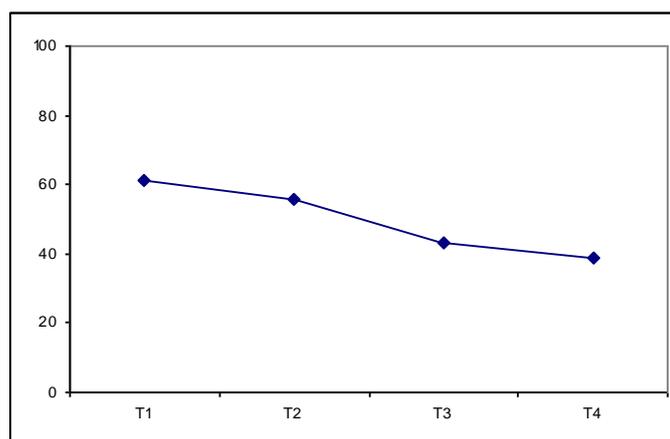


Gráfico 1. Efeito do fator tempo sobre o uso da construção [Voc + Or]

O gráfico mostra que a ordem [Voc + Or], que ocorre com mais frequência em T1 (1ª metade do século XIX), descende gradativamente ao longo do tempo.

Vejam os perfis apresentados pela construção [Or + Voc] no gráfico 2, a seguir:

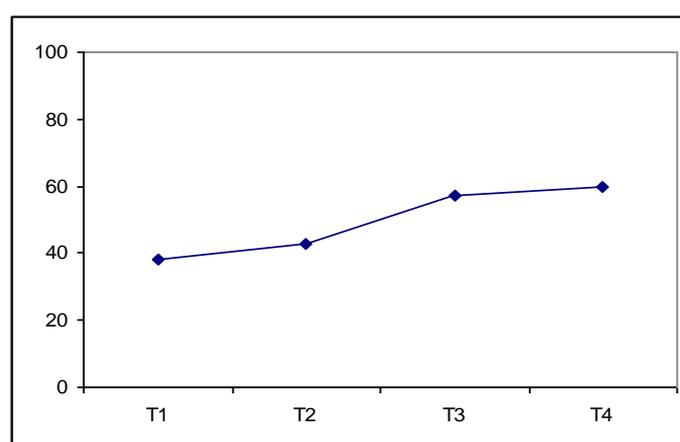


Gráfico 2 - Efeito do fator tempo sobre o uso da construção [Or + Voc]

A ordem [Or + Voc], no entanto, apresenta perfil ascendente, com maior índice de ocorrência em T4 (2ª metade do século XX). Observe-se que esse perfil mostra uma curva em S, sendo, portanto, indicativo de mudança linguística.

Observe-se, ainda, que a preferência pela ordem [Or + Voc] começa a acontecer na 2ª metade do século XIX, quando o índice de ocorrência dessa construção mudou de .43, na 2ª metade do século XIX, para .57 na 1ª metade do século XX.

Uma vez verificado que está havendo um perfil de mudança com relação à posição do *vocativo* na sentença, observaram-se as variáveis linguísticas que

estariam levando a mudança à frente. Foram investigadas as seguintes variáveis: (i) contexto em que está inserido o *vocativo*, (ii) modo verbal, (iii) papel do *vocativo*, (iv) natureza do material que compõe o *vocativo* (v) e descrição sintática do material *vocativo*.

A partir dessa análise, foram selecionados pelo programa Goldvarb 2001 como estatisticamente relevantes, com relação à ordem inovadora, os seguintes grupos de fatores:

Grupos de fatores	Fatores favorecedores da ordem [Or + Voc]
Contexto em que está inserido o vocativo	P. C. por Coordenação
Natureza do material que compõe o vocativo	Pronome de tratamento
Participação do vocativo no evento	Participação do vocativo no evento (sem retomada)
Descrição sintática do material que compõe o vocativo	SN simples

Quadro 1. Resultados que apresentaram significância para ordem [Or + Voc]

Como ilustrado no quadro acima, a participação do *vocativo* no evento da ação verbal é um fator que exerce influência na ordem desse sintagma na oração ao longo do tempo. Essa variável será a única discutida aqui, uma vez que se refere à pergunta inicial do artigo: o *vocativo* pode ser tratado como uma unidade à parte? Na próxima seção, discorreremos sobre os efeitos da referida variável.¹⁴

3.1 Uma classificação de vocativos

A análise do fator participação do *vocativo* no evento permitiu fazer uma separação das ocorrências de construções em que esse termo se relaciona com um dos constituintes argumentais da oração, quais sejam, o sujeito ou o complemento verbal, e construções em que esse elemento se encontra à parte. A partir da descrição desse fator, obtivemos três classes de *vocativo*, as quais serão apresentadas a seguir:

¹⁴ Para obter detalhes sobre a atuação dos outros fatores sobre o uso da variante inovadora [Or +Voc], consultar Moreira (2008).

(i) Participação do *vocativo* no evento sem retomada deste sintagma

(18) Carlos_j, o D. Abade julgou mais prudente que *c.v*_j lá não voltásseis.
(Martins Pena, 1956, p.335)

No exemplo acima, o *vocativo* *Carlos* é movido para uma posição à esquerda, deixando uma categoria vazia (*c.v*) na sua posição de base (posição de sujeito da segunda oração). Observe-se, assim, que esse constituinte é correferente do sujeito (nulo) da segunda oração e, portanto, participa do evento da ação verbal.

(ii) Participação do *vocativo* no evento com retomada deste sintagma

(19) Carlos_j, tratemos da promessa que *te*_j fiz.
(PENA, 1956, p. 314)

Observamos, no exemplo acima, que o item anafórico *te* retoma o *vocativo* *Carlos*, o qual se encontra numa posição à esquerda e é interpretado como correferente ao pronome *te* (objeto da oração).

Apresentaremos, a seguir, um outro exemplo em que o *vocativo* participa da ação verbal:

(20) Não *vos*_i parece que seria isso uma loucura, *senhor duque*_i?
(DIAS, 1868, p. 256)

No exemplo acima, o pronome *vos* é correferente com o sintagma nominal expresso pelo *vocativo* *senhor duque*. Observe-se, no entanto, que o pronome aparece em posição anterior ao *vocativo*. De acordo com Halliday e Hasan (1976), quando o item de referência antecipa um signo ainda não expresso, tem-se a catáfora¹⁵.

¹⁵ Halliday e Hasan (1976) afirmam que a referência textual (endofórica ou textual) pode ser de dois tipos: o item de referência pode retomar um signo já expresso no discurso – é a anáfora –, ou pode antecipa um signo ainda não expresso – é a catáfora. Segundo eles, uma vez que qualquer item referencial é vazio de sentido, há necessidade de uma pressuposição: o objeto referido tem que ser identificado de maneira a conferir significado àquele item.

iii) A não-participação do *vocativo* no evento

Além dos tipos de construções já mencionados, há, ainda, um outro tipo de construção no *corpus* analisado, como a que se segue:

(21) *Pai*, a Pepa e a Maria Cristina ainda estão morando aí?
(RASI, 1995, p. 80)

Na sentença acima, o *vocativo* não se relaciona sintaticamente com nenhum constituinte interno à oração, sendo, portanto, em exemplo desse tipo, uma “unidade à parte”, como consta na descrição da maioria dos gramáticos tradicionais, citados na seção 1.¹⁶

A classificação dessas construções é importante para uma melhor descrição desse termo. Além disso, com a análise desse fator, é possível evidenciar se algum dos tipos de construções com esse sintagma exemplificados de (19) a (21) contribui para levar a mudança de ordem desse constituinte na oração adiante.

3.1.1 Resultados

Os resultados referentes à análise do fator participação do vocativo no evento da ação verbal podem ser visualizados na Tabela 3, a seguir:

<i>Fatores</i>	<i>Nº de Ocorrências/ Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Pesos Relativos</i>
Não há participação	239/ 434	55%	.42
Participação com retomada	218/ 358	60%	.49
Participação sem retomada	319/ 495	64%	.56

Tabela 3 - Taxa da construção [Or + Voc] em função da participação do vocativo no evento

Os resultados apontam que a ordem inovadora é mais produtiva quando há participação do vocativo no evento sem retomada desse sintagma no interior da oração. No total do *corpus*, as construções em que há participação do

¹⁶ Na seção 1, questionamos se a maioria dos gramáticos tradicionais se baseou somente nesse tipo de exemplo ao fornecer suas prescrições, já que consideram que o *vocativo* é desligado do restante da oração. Provavelmente, eles não atentaram para as especificidades das estruturas em que o vocativo se realiza.

vocativo no evento da ação verbal são também mais produtivas do que aquelas em que este termo se encontra isolado da estrutura argumental da oração. A partir dessa constatação, questionamos o porquê de as definições referirem-se a esse último tipo de construção, tendo em vista, inclusive, que são menos produtivas do que aquelas em que os *vocativos* se encontram separados do restante da oração.

No total do *corpus*, o número de construções com *vocativo* em que há retomada de sujeito ou de objeto (358 ocorrências) é menor do que o número correspondente aos casos em que esse sintagma também participa do evento, mas não há sua retomada dentro da oração (495 ocorrências).

O Gráfico 3 mostra a taxa de uso da construção [Or + Voc] em função da participação do *vocativo* no evento, com base nos pesos relativos:

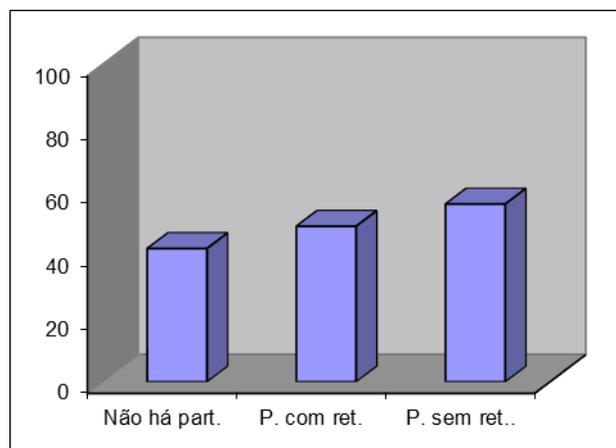


Gráfico 5 - Efeito da participação do *vocativo* no evento sobre o uso da construção [Or + Voc]

Há, portanto, maior probabilidade de ocorrência da construção [Or + Voc], a variante inovadora, quando há participação do *vocativo* no evento sem retomada desse sintagma, o que é representado pelo peso relativo de .56. Esse fato indica que esse fator é um dos que impulsionam a mudança de ordem do *vocativo* na oração.

Acrescenta-se que apesar de o *corpus* retratar a modalidade escrita da língua, é composto por um gênero textual em que é evidenciada uma linguagem menos cuidada. É sabido que diálogos de peças de teatro tendem a ser uma representação da fala da personagem, sendo concebível, portanto, que predominam exemplos em que não seja feita menção ao *vocativo*, independentemente de se realizar ao início ou ao final da oração. A ocorrência de retomada desse sintagma apenas se daria em textos em que se faz uso de uma linguagem mais elaborada, o que não é o caso dos textos das peças teatrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma indagação presente na introdução desse trabalho que tentamos esclarecer diz respeito ao motivo da escassez de estudos sobre o *vocativo*, já que se trata de um termo muito recorrente por se referir ao interlocutor nas situações comunicativas. Como sugerido na seção 1, talvez não se tenha atribuído atenção devida ao estudo do *vocativo* no Português Brasileiro, até então, pelo motivo de que esse termo é considerado por muitos autores como isolado da estrutura argumental da oração, não tendo uma relação direta com o verbo.

Todavia, com base na classificação feita aqui, apenas em um tipo de construção com *vocativo*, este constituinte pode ser considerado isolado da estrutura argumental da oração. Será que a maioria dos gramáticos, além de alguns estudiosos de linguística, basearam-se somente em um tipo de construção para fornecer suas descrições? Como vimos, construções em que o *vocativo* sequer faz referência a um termo da oração à qual se encontra anexado e, ainda, outras construções em que esse termo é correferente de um termo da oração. Provavelmente, eles não atentaram para as especificidades das estruturas. Isso nos permite ver que, muitas vezes, as prescrições carregam falhas, não coincidindo com a realidade do Português Brasileiro.

A análise variacionista realizada demonstra que justamente as construções em que há participação do *vocativo* no evento da ação verbal são as mais produtivas no *corpus* e, além disso, juntamente com outros fatores, contribuem para levar à frente mudança de ordem desse termo na oração, da esquerda para a direita, que ocorre ao longo dos séculos XIX e XX.

Não há na literatura muitos estudos sobre o *vocativo*. Com o estudo da possível participação desse constituinte no evento da ação verbal, tentamos oferecer um contributo para um melhor conhecimento desse objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

ABALADA, S., CABARRÃO, V.; CARDOSO, A. O vocativo em Português Europeu: estudo de parâmetros prosódicos em vocativos em diferentes distribuições. In: FIÉIS, A; COUTINHO, A. XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, p. 1-16, 2011.

ALKMIM, M. G. R. de *Da frase ao discurso*. Comunicação apresentada no 1º Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana – 09 a 12/11, 2004.

-
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna. 1999.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BRANDÃO, C. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Imprensa da universidade de Minas Gerais. Edição do autor, BeloHorizonte, 1963.
- CAMARA JR. J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CARVALHO, A. S. A. de. An overview of vocatives in European Portuguese. *Linguística Atlântica*, vol. 32, p. 52-58, 2013.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional. 1985.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1971.
- CUNHA, C.; e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, C.; e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CUNHA, C.; e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- D’ALESSANDRO, R.; VAN OOSTENDORP, M. *Southern Italian vocative morphology at the interface between syntax and phonology*. Workshop on theoretical morphology. Leipzig: University of Leipzig, 2010.
- DIAS, A. E. da S. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.
- DIAS, G. Leonor de Mendonça: In: DIAS, G. *Obras Posthumas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Ed. H. Garnier, 1868. p. 144- 264.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*, Longman: London, 1976.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patherns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; e MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspective an Historical Linguistic*. Amsterdam: John Benjamin, 1982. p. 17-82.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do Português*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- MARCOS, P. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Ed. Global, 1978.
- MELO, G. C. de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.

-
- MOREIRA, J. C. O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística. 2008. 108 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MOREIRA, J. C. O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no Português Brasileiro. 2013 151 f. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MUNDIM, S. S. de M. *Formas de Tratamento e Vocativos no Rio de Janeiro*, 1981. 80 f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- NASCIMENTO, A. F. *Análise Prosódica do Vocativo na Fala de Criança: uma abordagem fonética*, 2000. 75 f. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- NEVES, M. H de M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, L. de. *Scenários*. Juiz de Fora: Typographia Gutemberg J. Ribeiro, 1917.
- PAIVA, M. de. *A onça*. Manuscrito Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo. Biblioteca da UFSJ. 1897
- PENA, M. O Noviço. In: PENA, M. *Teatro de Martins Pena*. Rio de Janeiro: Ediouro. Ed. Tecnoprint Ltda. (Edição Crítica Darcy Damasceno), 1956. p. 293-335.
- PEREIRA, E. C. *Gramática Expositiva: curso superior*. São Paulo: Duprat e Co., 1909.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.
- RASI, M. *Pérola*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.
- RESENDE, S. N. C. *A virgem Martyr de Santarém*. Manuscrito. Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo. Biblioteca da UFSJ, 1870.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-189.
- WERNECK, A. *Lucrecia*. Cidade de Minas Gerais: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1900.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de novembro de 2017.

Aprovado em sistema duplo cego em: 02 de março de 2018.